

## UMA VIAGEM PELO DOURO

António Cesário Guedes da Costa

### PARTE I

Manhã bem cedo. Vinhas de terra distante, Eu esperava-te na estação de S. Bento. A locomotiva que arrastava atrás de si a carruagem onde viajaste, quase desapareceu. Espalhou à sua volta fumo branco saído das rodas de ferro e dos êmbolos amarelos, e apitou, rouco, naquele esforço titânico da chegada lenta. Entre multidão apressada e névoa que aos poucos se dissipava, ressurgias com um sorriso aliviado. Corri ao teu encontro, deixaste no chão a pouca bagagem que trazias e recebeste-me, pé no ar como garça real, num abraço rodopiado. Peguei na tua bagagem com uma mão e, com a outra, envolvi-te pela cintura, trazendo-te para o bulício citadino. A poucos metros, a meio da Avenida dos Aliados, entramos no café Guarany onde habitualmente te escrevo. Pedi café com leite e torradas para os dois. Notei que vinhas com fome. Quase não falámos, só olhávamos um para o outro, felizes! Nunca tínhamos estado assim, numa cidade onde o ambiente se confunde com a história através dos séculos.

Eram dois galões servidos em copos com engaste de metal, duas torradas, bem doiradas e quentes, cujas fatias, ao pegar, pendiam de frescas e nos obrigava a abocanhar o pão quase com a cara encostada à mesa, lambendo a manteiga. Engraçado teres pegado na fatia do meio. Eu deixo-a sempre para o fim porque é a que me sabe melhor. Foste dizendo que não querias mordomias ao almoço, em restaurante caro, onde não nos sentiríamos à vontade. Preferiste que comprássemos uma garrafa de vinho e pão, nos sentássemos um banco de jardim e desfrutássemos do repasto ao ar livre e do prazer só da nossa companhia, sem salamaleques de empregados a servir-nos à mesa. Ter a liberdade de que falámos antes, no café.

Na Pensão Aliados, reservámos um quarto, deixámos a tua bagagem e fomos às compras. Junto ao mercado do Bolhão, na Rua de Alexandre Braga, havia uma loja, cesteiro artesanal, onde comprámos um cabaz idêntico àquele que um dia levaste quando fizemos piquenique. Haveríamos de colocar nele tudo o que precisássemos para a viagem de barco, que tínhamos combinado, para o dia seguinte, Douro acima, até aos socacos onde cachos de uvas pendem ao sol de Outono; e mais acima, até às escarpas, de onde os grifos majestosamente nos espreitam.

A azáfama e os pregões no mercado tradicional encheram-nos de alegria. Enfiaste-me o braço e fomos às compras. Um pote de mel, queijo, fruta, biscoitos, pão saloio e vinho. E alguns utensílios: faca, dois garfos e duas colheres, pratinhos de barro, copos, guardanapos... Ah!... E romãs!... Já havia romãs: «as últimas brasas do incêndio do verão.» O cesto ficou cheio. Levámo-lo para o hotel e o recepcionista sorriu admirado. Subimos ao quarto e tomaste banho. Deixei-te à vontade e fui ao cais da Ribeira fazer os preparativos para o dia seguinte: alugar barco. O que eu queria era uma embarcação característica da região para que o nosso encontro se situasse dentro da paisagem do Porto. No entanto decidi-me por um pequeno barco de recreio que te proporcionasse melhor conforto. Havíamos de subir o rio, sem esforço, desfrutar da paisagem linda e única, até aos socacos das vinhas, até aos penhascos onde estão os grifos que nos haviam de vigiar e, de certo modo, nos proteger. Por muito tempo, a linha do combóio haveria de nos acompanhar, lá no alto, entramos em túneis e, sobre os carris, a locomotiva azul desapareceria neles vomitando fumo branco...

## PARTE II

De regresso à pensão, avisei o recepcionista que ia subir. Felizmente, não trancaste a porta do quarto. Entrei silenciosamente para te fazer surpresa, mas dormias profundamente sobre a colcha branca. Do quarto de banho ainda saía vapor do duche quente que havias tomado. Sentei-me na borda da cama, coloquei a mão em tua anca desnuda e nem buliste. Não foi difícil adivinhar, pela abertura do robe, corpo apetecível, de onde pendiam, abandonados, dois seios como romãs, sobressaindo de um cesto de fruta. Lindo quadro!...

Do cabaz, tirei um cacho de uvas que havíamos comprado no Bolhão e comi alguns bagos. Apeteceu-me!... Desejaria dar-te alguns à boca, mas, como estavas a dormir, destapei-te e fui colorindo o teu corpo com uvas preto-violáceas e outros bagos branco-dourados do cacho que retirei do cesto. Ficaste videira entrelaçada e distendida no leito branco. O sol mortiço de Outono espreitava pela cortina damasco do quarto e o teu corpo parecia incandescer-se. Mexeste-te e as uvas rolaram, caindo na colcha, deixando-te a descoberto.

De manhã, bem cedo, descemos a avenida e atravessámos para o Largo dos Loios. Depois do largo e da Rua de Trindade Coelho, virámos à direita, pela velhíssima, mas bonita, Rua das Flores, até à Ribeira, no cais quase junto à ponte. O homem a quem aluguei o barco ajudou-me a tirar as amarras e iniciamos a viagem Douro acima. Estavas linda, com o lenço de seda apertado sob o queixo e de chapéu de palha, aba larga. Avançaste sobre mim para a proa. Dir-se-ia, ao ver-te, estares decidida a vindimar uma aventura.

As escarpas da margem esquerda, refletidas no rio, brincavam em recuado movimento. Tudo ia ficando para trás, até a saudade, pois ias comigo. Um tanto irrequieta, vieste sentar-te a meu lado e encostaste a cabeça no meu ombro, deixando o chapéu sobre o teu regaço. Eu tinha as mãos ocupadas com a navegação, mas afaguei-te o rosto... E beijei-te!... Sossegaste e foste à cabine fazer algo, não percebi o quê. Talvez procurar uma peça de fruta no cesto. Uma maçã! Vinhas subindo os dois degraus a trincá-la. Continuavas linda e deslumbrada com o rio! Acostámos a embarcação numa linda vila e demos pequeno passeio. Encontrámos uma capelinha aberta e entrámos. Não sei se rezavas, mas deixei-te só diante da imagem que admiraste. Deste-me o braço e saímos, de espírito reconfortado. Deste-me o braço e saímos de espírito reconfortado. Dirigimo-nos a uma loja da povoação e abastecemos-nos de várias coisas, nomeadamente pão. Num quintal, sem muros a vedá-lo, vimos figueiras. Os frutos pingo-de-mel convidaram-nos a apanhá-los. Uma mulherzinha que por ali andava a puxar palha com um ancinho, também de lenço e chapéu idêntico ao teu, disse-nos: - «Podem colher, podem colher!...» Sorrimos, agradecemos e corremos como crianças a apanhar figos! O chapéu caiu-te ao chão, eu apanhei-o e tu adiantaste-te. Era ver quem mais comia... Veio-nos à memória aquela primeira vez, na quinta, onde havia um ribeiro!... A dona apoiou-se no cabo, queixo sobre as mãos, e riu divertida com a nossa farta colheita. Gente simpática a do Douro!

## PARTE III

Voltámos para o nosso barco. Arrumaste na cabine os novos mantimentos comprados na aldeia, enquanto eu enrolava as amarras. Reapareceste do pequeno compartimento e o teu rosto brilhava, em tonalidade dourada, do sol do fim de tarde. Continuamos serenos navegando Douro acima. Sentaste-te a meu lado e aninhaste no meu colo. Levantei o chapéu de palha que te sombreava os olhos cor de alga e atirei-o para trás das tuas costas, preso pelo

elástico, e dei-te um beijo. Ao sabor do vento fomos crescendo apaixonadamente. Escarpas gigantes refletiam-se em águas lisas. Pairava agora o voo dos grifos, se não ficaríamos muito sós! Era como se navegássemos em local sagrado. Nós, o barco e os grifos. A beleza incomparável da paisagem competia com o teu corpo abandonado em meus braços. Ali, sob o olhar circunspecto das aves, tombaste a cabeça e eu acompanhei-te no movimento beijando-te o pescoço sob o queixo. Esquecidos no mundo, navegámos em nossas águas. Tu afundaste-te nas tábuas do barco levando-te contigo. Cravaste as unhas nas minhas costas e teu grito ecoou. Os grifos nem se mexeram, parecia terem entendido que teu frémito era de prazer e não de dor. Puxaste as roupas da borda do barco para ti e ficaste a olhar o céu já a acender-se de estrelas.

#### PARTE IV

No dia seguinte, o regresso ao cais da Ribeira fez-se ao sabor da corrente. Parecia termos saído de um sonho. As arribas, as escarpas, os socacos, as vinhas, as aldeias, tudo ia ficando para trás, como para trás ficaram os nossos corações em local sagrado. Cumpru-se o rio. Como se fosses mulher duriense, abraçaste o pão saloio ao peito, cortaste uma fatia e entregaste-ma. Do cesto tirei o pote de mel e barrei-a. Dei-te à boca e beijei-te. Eras doce. Enquanto o vento se ia desprendendo, da partilha do pequeno-almoço afagavas-me o rosto. Olhaste para mim, imaginaste tudo isso e sorriste. Um sorriso meigo. Quase nem dávamos conta da sombra da ponte Luís I. O movimento no cais era diferente de quando partimos. Muitos barcos, uns grandes, outros mais pequenos... Um formigueiro de pessoas em ambas as margens. Anúncios do néctar dourado e rubi promoviam a cidade. Cidade onde haverias de permanecer por mais uma noite. Acostámos o barco e logo um carro parou para nos transportar até à pensão. Guardo o cesto e o teu chapéu de palha, como recordação! Ah, e o lenço de seda perfumado. Desde então, cultivo o amor pela imaginação. E, sempre que atravesso o rio Douro, recordo-te e volto a viajar.